

ARTE PARA ENCARAR O MEDO: VISUALIDADES DIGITAIS EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

Karine Cristina Pfütz ¹



Sobre KABLIN, Maria. *A Procissão das Horas*. 2020. Guache sobre papel. 28 x 36 cm. Obra cedida ao projeto “300 Desenhos”.

RESUMO: Trata-se de uma resenha crítica sobre algumas iniciativas artísticas surgidas no período de isolamento social decorrente da pandemia provocada pelo COVID-19. São projetos como o brasileiro “300 Desenhos” e o espanhol “Covid Art Museum”, nascidos do impacto da crise nas Artes, bem como suas ideias de promoção do compartilhamento de produções de artistas de forma digital.

PALAVRAS-CHAVE: Iniciativas; Isolamento; Artes; Digital.

655

ABSTRACT: This is a critical review of some artistic initiatives that emerged during the period of social isolation resulting from the pandemic caused by COVID-19. These are projects such as the Brazilian “300 Drawings” and the Spanish “Covid Art Museum”, born from the impact of the crisis in the Arts, as well as their ideas to promote the sharing of artists’ productions in digital form.

KEYWORDS: Initiatives; Isolation; Art; Digital.

Em seu livro *Do Espiritual na Arte*, lançado em 1912, o artista abstracionista russo Wassily Kandinsky, escreveu que “Toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos”. O mundo pandêmico surgido em 2020 é desses cenários, sobre tempo e emoção, em que a arte vira, mais do que nunca, meio para a livre expressão do caos em movimento. A questão que se seguiu a isso foi: como fazer arte e viver da arte em um tempo de grande crise humana?

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Linha de Pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICORES). Bacharel e licenciada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: karinepfutz@gmail.com

Períodos em que a sociedade é forçada a lidar com episódios caóticos, como epidemias ou guerras, costumam influenciar a arte, trazendo mudanças criativas e estéticas. Sob o impacto da Guerra Civil Espanhola, por exemplo, Pablo Picasso pintou uma de suas obras mais famosas, *Guernica*, de 1937, atualmente exposta no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, de Madri. Já com a propagação do vírus COVID-19, a Arte ganhou as redes sociais para levar inspiração e crítica ao mundo em isolamento. Resistindo, como sempre, artistas e seus colaboradores seguiram produzindo e promovendo arte durante a reclusão.

Assim sendo, a internet tornou-se a grande aliada na busca por entretenimento e contato com diferentes meios artísticos. Vários artistas fizeram das redes sociais palcos para seus concertos. Propagaram-se as *lives*. Shows e performances para todos os gostos. Além disso, a crescente possibilidade de acesso a filmes, séries, livros e exposições diversas usando a web. Várias editoras passaram a disponibilizar download gratuito de obras e, seguindo a tendência mundial da Arte Virtual, museus também abriram seus acervos para visita on-line. Contudo, ao mesmo tempo em que promoveu a Arte por vias remotas, a crise sanitária também gerou uma suspensão no funcionamento dos centros culturais, galerias, feiras de arte, residências artísticas, ateliês. Causou demissões, cancelamentos de mostras, eventos e de vendas. Portanto, a pandemia acabou por reforçar a importância de ações coletivas e fez surgir diversos grupos no campo artístico que buscaram não somente fazer arte, mas continuar sobrevivendo dela, por meio de cooperativas e/ou por meio do apoio de outros setores sociais.

Com a necessidade do isolamento, alguns espaços de artes visuais se reinventaram e desenvolveram estratégias digitais para vendas e realização de exposições. Foi o caso do Projeto “Quarentine”, iniciado em 13 de abril de 2020 e disponibilizado on-line no endereço www.55sp.art/quarantine. Na tentativa de enfrentar as dificuldades impostas pelo novo contexto social, a ideia reuniu mais de 40 artistas, desde Lenora de Barros e Paulo Bruscky, nomes já consagrados da arte contemporânea brasileira, até artistas jovens, menos conhecidos, conseguindo propor um modelo alternativo para venda de artes durante

a pandemia e com distribuição dos ganhos por igual entre os envolvidos. A cooperativa foi uma iniciativa das artistas Lais Myrrha e Marilá Dardot, da curadora Cristiana Tejo e da fundadora da plataforma 55SP, Julia Morelli, com a colaboração de artistas de todo o país.

A iniciativa também se preocupou em destinar parte das vendas ao fundo emergencial de apoio às pessoas trans em situação de vulnerabilidade, assistidas pela Casa Chama, uma organização civil de ações socioculturais com foco em artistas transvestigêneres. Vale ressaltar que a cooperativa foi criada apenas para venda de obras com o valor fixo de 5.000 reais, havendo a possibilidade de uma exposição dos trabalhos após fim do isolamento social. Entre as artes, desenhos, gravuras digitais, vídeos, fotos etc., visualizadas somente pelos compradores depois de adquiridas na Plataforma 55SP.

Outros artistas participantes do “Quarentine”: Ana Dias Batista, Ana Lira, Arissana Pataxó, Armando Queiroz, Bruno Faria, Caetano Costa, Cinthia Marcelle e Diran Castro, Clara Ianni, Clarice Cunha, Daniel Lie, Debora Bolsoni, Denilson Baniwa, Fabiana Faleiros, Fabio Moraes, Fabio Tremonte, Fernando Cardoso, Guto Lacaz, Jaime Lauriano, Janaina Wagner, João Loureiro, Laercio Redondo, Lia Chaia, Lucas Bambozzi, Manauara Clandestina, Marcellvs L., Marcia Xavier, Marco Paulo Rolla, Mariana de Matos, Marta Neves, Maurício Ianês, Nicolás Robbio, Patrícia Francisco, Rafael RG, Ricardo Basbaum, Romy Poc, Rosângela Rennó, Sara Ramo, Traplev, Yana Tamayo e Yuri Firmeza. O site do projeto também disponibilizou link de acesso a informações sobre os participantes e trabalhos realizados.

“300 Desenhos” também foi uma ideia baseada no cooperativismo. Convidou 300 artistas a doarem um desenho em formato de uma folha A4 cada um. Trabalhos de nomes iniciantes a consagrados, como Adriana Varejão, Ernesto Neto e Jac Leirner. Assim como no “Quarentine”, todas as obras foram expostas à venda por um valor único, 1.000 reais, com a escolha da peça sendo realizada através de um algoritmo e com entrega da compra após a pandemia. A campanha de contribuição com desenhos foi até o dia 10 de maio deste ano. Todo o valor arrecadado com as vendas foi revertido a três organizações: Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Habitat Brasil, de construção e melhoria de residências, e Central Única das Favelas (CUFA), que atua em comunidades e periferias de todo o país.

Os organizadores desse projeto são Amanda Rodrigues Alves, Alexandre Gabriel, Camilla Barella, Carolina Câmara, Efrain Almeida, Erika Verzutti, Fernanda Brenner, Magê Abatayguara, Mel Marcondes e Paula Signorelli, com apoio dos artistas do Bloco Gráfico e de Ariel Tonglet, Arthur Fidalgo, Camila Tomé, Caio Mariano, Felipe Barsuglia, Kamyla Belli, Wilson Lazaro, entre outros.

Já o “Partilha”, lançado no dia 1 de maio de 2020, buscou contribuir para a manutenção da circulação de obras dos artistas e das galerias de forma on-line neste período de crise. A proposta foi atrair o usuário colecionador, ou apenas interessado em arte, ao ambiente virtual, possibilitando a compra de obra selecionada pelas galerias participantes através de um crédito de igual valor para uma segunda aquisição de qualquer outra obra de arte da mesma galeria. Cada galeria era responsável por disponibilizar em suas redes e sites a seleção de obras para o evento virtual, além de seus contatos para a aquisição das peças. Parte do valor das vendas efetuadas remotamente também foi destinada a entidades sociais.

Outra iniciativa interessante, não com intuito de venda, mas voltada à divulgação de trabalhos artísticos, foi a criação do autodenominado primeiro museu de arte do mundo nascido durante o período de pandemia do COVID-19, The Covid Art Museum (CAM), disponibilizado via rede social Instagram, no endereço www.instagram.com/covidartmuseum. Os responsáveis pela iniciativa foram os publicitários espanhóis Emma Calvo, Irene Llorca e José Guerrero, de Barcelona. O CAM é um museu virtual criado em 19 de março de 2020 com o objetivo de divulgar manifestações artísticas sobre a pandemia, além de dar visibilidade a artistas e servir de arquivo sobre a Arte durante a disseminação do novo coronavírus por meio de pinturas, colagens, fotografias e montagens feitas por artistas profissionais e amadores de qualquer parte do mundo.

Segundo informações on-line, as artes foram enviadas via *hashtag* #CovidArtMuseum, à caixa de mensagens da conta de Instagram ou ao e-mail covidartmuseum@gmail.com. O CAM reuniu milhares de seguidores e variadas manifestações. Uma visita aos trabalhos encontrados na página do museu virtual mostrou que não há limitações em relação às técnicas utilizadas, mas, independentemente das técnicas, há elementos recorrentes na

batizada, pelo projeto e por seus seguidores, como “Arte Covid”. Trata-se de elementos como papel higiênico, máscaras, mãos em luvas e, obviamente, o vírus. Objetos cotidianos, outrora banais, compoem a estética das obras em tempos de pandemia.

No Brasil também surgiram propostas semelhantes ao CAM, o Museu do Isolamento Brasileiro e o acervo Artes Virais. A primeira, iniciativa de Lu Adas, considerada como o primeiro museu do Brasil criado para difundir arte em tempos de isolamento, que reuniu imagens de desenhos, pinturas, grafites, bordados, colagens, fotografias, entre muitos outros formatos artísticos. Ao contrário do CAM, o Museu do Isolamento Brasileiro não apostou apenas na temática viral, mas em dar visibilidade às Artes Visuais e aos seus artistas em território nacional, podendo ser acessado via Instagram ou pelo site www.museudoisolamento.com. A segunda se trata de um acervo virtual de artes produzidas no mundo durante a pandemia, também disponibilizada via rede social, em www.instagram.com/artesvirais.

Já a proposta “Quarantine Photography Series”, idealizada por Bárbara Chiré, uma das fundadoras da @leve.mag (revista digital publicada exclusivamente via Instagram) trouxe fotografias de flores feitas por artistas selecionados. Entre a seleção, trabalhos dos fotógrafos Renam Christofolletti, Bruna Castanheira, Felipe Morozini e Thais Vandanezi, além dos diretores criativos Pablo Quoos e Marília Martins. O objetivo das séries fotográficas foi colaborar com pequenos produtores de flores que perderam suas floradas durante a pandemia do Covid-19 neste ano. Em 2019, a revista já havia realizado o “Projeto Floraria”, uma investigação artística a partir de imagens e entrevistas sobre artistas com nome de flores.

A arte de rua também se adaptou ao isolamento, sendo exemplo o projeto “A Coisa Ficou Preta”, mais uma ideia disponibilizada via Instagram, no endereço www.instagram.com/acoisaficoupreta. A iniciativa do artista Gleyson Borges chegou abordando temas acerca do racismo e negritude por meio de intervenções urbanas com lambe-lambe, aderindo às “colagens virtuais” e à venda on-line.

Muitas outras ideias poderiam ser aqui mencionadas, desde os museus renomados que abriram seus acervos realizando exposições virtuais aos artistas anônimos da internet, mas a intenção era falar sobre pequenos projetos, em cooperação, que tornaram grandes

as parcerias e a afetividade em meio à crise sanitária e suas consequências. Pois, em momentos de luto, há também luta, resistência. Esses movimentos artísticos não só buscaram o fortalecimento do próprio setor, mas também o enfrentamento da crise com responsabilidade social.

No cotidiano, por sua vez, na utilização da arte, não apenas a visual, para encarar o medo, houve arte saindo das janelas das casas e apartamentos ao redor do mundo. Assim foi com a primeira manifestação artística que viralizou em tempos de Covid-19, ocorrida na Itália, quando toda uma vizinhança cantou de suas varandas a melodia da música “Bella Ciao”. A música sendo compartilhada entre vizinhos, tornando-se uma nova forma de estabelecer vínculos durante o isolamento. As imagens projetadas em prédios pelas grandes cidades, fazendo artistagem a céu aberto. Fora as manifestações da criatividade popular que tomaram muros e paredes como suportes, em grafites, pichações, estênceis, lambes etc. A arte-protesto. Em toda parte, para todas as partes, houve arte para além do confinamento.

Diante disso tudo fica evidente que, em momentos caóticos, a arte não é apenas possibilidade de expressão, mas necessidade. Uma necessidade comprovada durante a pandemia, seja por entretenimento, seja por arte, abraço consolador, preenchendo o vazio do isolamento social. Oportunidade de se pensar a importância da produção artística para a vida, um pensamento desconsiderado pela maioria das pessoas em suas rotinas aceleradas antes da reclusão forçada.

REFERÊNCIAS

KABLIN, Maria. **A Procissão das Horas**. 2020. Guache sobre papel. 28 x 36 cm. Disponível em: <https://300desenhos.art/0dUcl7ayRgqYKskJnt8R>. Acesso em: 10 jun. 2020.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 27.

Recebido em: 19/06/2020
Aceito em: 31/07/2020